

APRENDENDO O SUJEITO NULO NA ESCOLA ¹

Telma Moreira Vianna MAGALHÃES

RESUMO Pesquisas afirmam que os falantes do Português do Brasil (PB) já não usam mais o sujeito nulo referencial. A principal causa disso é a redução no paradigma flexional dessa língua. No entanto, verifica-se na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos.

Este trabalho analisa o uso de sujeitos pronominais nulos vs. plenos na escrita escolar e nos dados de uma criança na fase de aquisição e compara quantitativamente esses dados aos dados de Duarte (1995) para verificar se as restrições encontradas na língua oral são ainda verificadas durante a escolarização e qual é o papel da escola no uso daqueles sujeitos pronominais nulos que já não são encontrados na fala. Defende-se para tanto que a criança acionou a mudança na direção ao uso de sujeito pronominal pleno no PB e que a escola tenta reverter essa inovação através do processo de aprendizagem.

ABSTRACT Research shows that Brazilian Portuguese speakers no longer use the referential null subject. Such reduction is mainly caused by the reduction of the inflectional paradigm in Brazilian Portuguese. Nevertheless, a significant use of null pronominal subjects can still be found in writing. This work analyzes the use of null pronominal subjects vs full pronominal subjects in school writing and in the data presented by a child in the process of acquisition. The relevant data are quantitatively compared to those in Duarte (1995) in order to verify if the constraints found in spoken language can still be found in the schooling process. As a consequence, this work also attempts to investigate the role that the use of null pronominal subjects may have in school, since they are not encountered in the spoken language. The leading hypothesis defended in this work is that the child has triggered a change towards the use of full pronominal subjects in BP while the school's role is to try to revert the change by means of the learning process.

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 06 de dezembro de 2000, sob a orientação da Profª Drª Mary Aizawa Kato.

1 - INTRODUÇÃO

Desde 1981, quando Chomsky propôs um modelo de gramática baseado em Princípios e Parâmetros, os estudos de variação e mudança lingüísticas, no âmbito da Teoria Gerativa, tomaram novos rumos. As línguas naturais, então, passaram a ser analisadas em termos de Princípios Universais - responsáveis pelo que há de semelhante entre as línguas - e Parâmetros - responsáveis pela variação, isto é, pelo que as diferencia.

No que se refere ao estudo dos Parâmetros, um dos fenômenos que têm sido mais estudados é a possibilidade de algumas línguas apresentarem o sujeito nulo. Tal possibilidade diferencia, por exemplo, o Italiano, que o permite, do Inglês, que não o licencia.

O parâmetro responsável por esse tipo de diferença entre as línguas é o tão famoso e discutido Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981). Esse parâmetro tem sido proposto como tendo sua propriedade básica definida em termos das propriedades flexionais das línguas: em línguas como o Italiano, que tem o sistema flexional rico, o elemento Agreement permite a omissão do sujeito; línguas com Agr pobre, caso em que se insere o Inglês, a omissão do sujeito não é permitida. Segundo Chomsky (1981) essa correlação com a flexão visível não precisa ser exata², mas há alguma propriedade abstrata de Agr correlacionada mais ou menos com a morfologia visível³, que distingue línguas “pro-drop” de “não-pro-drop”.

Com relação ao Português do Brasil (doravante PB), o que as pesquisas (DUARTE, 1993; 1995) têm mostrado é que o PB está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial. Isso tem sido relacionado à redução na riqueza flexional sofrida por essa língua. No entanto, tem-se verificado na escrita um uso ainda significativo de sujeitos pronominais nulos (DUARTE, 1993; PAREDES DA SILVA, 1988; MAGALHÃES, 1999 (ms)). O meu objetivo neste trabalho, portanto, é observar o uso dos sujeitos pronominais nulos vs. plenos na aquisição e na escrita de escolares, procurando compará-los aos dados de fala espontânea de Duarte (1995), que revelam que o PB está deixando de licenciar o sujeito nulo referencial, e precisar qual é o papel da escola no uso significativo do sujeito pronominal nulo na escrita. Para tanto, farei uma análise dos dados de aquisição do PB, para saber exatamente o que de sujeito nulo a criança leva de sua gramática-I para a escola.

Para verificar o uso que se faz do sujeito nulo e não-nulo na escrita, esse trabalho usa a metodologia da sociolingüística quantitativa para o levantamento dos condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos. Como os dados serão comparados

² Chomsky faz essa observação baseado no fato de que há línguas que apresentam um sistema flexional misto, permitindo o apagamento do sujeito em algumas construções, mas não em outras (Hebraico, Irlandês).

³ “The intuitive idea is that where there is overt agreement, the subject can be dropped, since the deletion is recoverable” (CHOMSKY, 1981, p.240).

com a produção de uma criança (doravante RA) antes de entrar na escola, estarei trabalhando tanto com “aquisição” no sentido chomskiano quanto com “uso” determinado por “aprendizagem” escolar.

O artigo está organizado da seguinte maneira: Na seção 2 apresento os pressupostos teóricos que embasam o trabalho. Na seção 3, os resultados obtidos com o levantamento dos dados e em 4 as conclusões a que levaram os resultados.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1- Aquisição e Aprendizagem

Um estudo cujo objetivo é verificar como um mesmo fenômeno se comporta na aquisição da linguagem oral e na aprendizagem da linguagem escrita precisa ter bem clara a diferença que envolve essas duas modalidades. Por essa razão, procurarei mostrar nesta seção como estou entendendo aquisição e aprendizagem.

Aquisição é o processo pelo qual o falante entra em contato com a língua por meio do *input* natural externo, e aprendizagem aquele processo em que há algum tipo de intervenção ou estímulo externo (Apud. KATO, 1999b, p.01).

Na aquisição da linguagem, o falante necessita somente estar inserido no ambiente lingüístico da língua que está adquirindo, e não ter ultrapassado o período crítico, para ter as informações necessárias para desenvolver o sistema lingüístico correspondente a essa língua. Ele não precisa que indiquem para ele que caminhos seguir nesse percurso. Estou, portanto, assumindo que adquirir a fala é algo biológico da espécie humana, é um processo natural, no sentido de que ela se desenvolve sem a necessidade de correções ou instruções⁴. Já a aprendizagem da escrita é uma habilidade cultural durante a qual o aprendiz, normalmente, necessita de ajuda para descobrir de quais mecanismos ele pode dispor para usá-la de uma forma eficiente⁵. Como afirmou Ong (1982, in KATO, 1999b), a escrita se classifica como tecnologia e, como qualquer tecnologia, impõe restrições próprias.

A criança que já passou pelo processo de aquisição vem para a escola com um conhecimento gramatical de língua nativa (Língua-I) pronto e, muitas vezes, ao chegar à escola, é apresentada a formas que não correspondem àquelas que ela adquiriu. Mesmo diante de formas diferentes, a criança vai utilizar o conhecimento de que já dispõe e a escola vai tentar reprimir esse uso através das correções, pois ele não condiz com aquele exigido pela Gramática Normativa (GN) para a escrita. Como consequência, teremos produções escritas recheadas por uma mistura de formas que reflete o conhecimento da gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática-I) e das regras que lhe são ensinadas durante o processo de ensino -

⁴ Estou adotando aquisição numa concepção chomskiana.

⁵ Salvo os casos de crianças que são autodidatas.

aprendizagem. Neste trabalho, abordarei esse aspecto com relação ao uso dos sujeitos pronominais nulos vs. plenos.

Ao fazer um estudo sobre omissão de sujeitos pronominais em redações escolares de 3^a, 4^a, 7^a e 8^a séries (MAGALHÃES, ms), descobri que, enquanto a 3^a série apresentava 51% de sujeitos pronominais nulos em suas produções, a 8^a série chegava a apresentar 86%. Esse resultado, somado a todas as informações que eu tinha sobre sujeitos pronominais nulos no PB (op. cit.), levou-me a pensar que o alto índice de sujeitos nulos na escrita poderia ser resultado da aprendizagem escolar.

Se o PB está passando por um processo de mudança com relação ao uso de sujeito nulo como afirmou Duarte (1995), e se é a criança que detona o processo de mudança como afirma uma das correntes da lingüística moderna⁶, a minha expectativa era de que a produção oral da criança apresentasse um índice de pronomes plenos mais alto do que aqueles apresentados pelos dados da escrita e pelos falantes de Duarte (1995). Tal resultado mostraria que o processo de mudança no PB com relação ao uso de sujeitos pronominais nulos já estaria implementado e que sua gramática já se encontraria estável. Portanto, os sujeitos pronominais nulos encontrados na escrita seriam, realmente, frutos da aprendizagem escolar.

Vejamos na tabela (1.1)⁷ abaixo como fica a produção de sujeitos pronominais plenos produzidos antes da aprendizagem escolar e depois dela:

Tabela 1.1- Ocorrência de sujeitos pronominais plenos antes e depois da aprendizagem escolar⁸

IDADE	N / T	(%)
2;7 a 2;8 meses	94 / 127	74
3;0 a 3;4 meses	262 / 310	85
9 anos (3 ^a série)	360 / 501	72
13 anos (8 ^a série)	134 / 213	63

Como podemos observar, há uma queda no índice de sujeitos pronominais plenos da aquisição (3;4 meses)⁹ para a faixa correspondente ao período escolar (13 anos) de 22%.

⁶ Cf. Lightfoot (1991; 1999).

⁷ Gostaria de esclarecer que as tabelas trarão os resultados em função da ocorrência dos sujeitos plenos, ao contrário das tabelas de Duarte (1995). O objetivo é mostrar a redução no uso dos sujeitos plenos.

⁸ Os dados correspondentes ao período de 2;7 a 3;4 meses são de fala; os de 9 a 13 anos são da escrita.

⁹ Vale ressaltar que a criança aqui analisada apresenta nulos que se diferenciam daqueles que poderiam ser considerados nulos universais, isto é, encontrados na fase de aquisição de todas as línguas. Na faixa considerada, a criança já produz nulos que são também encontrados nos dados de adultos, caracterizando uma gramática já adquirida.

Por se tratar de aprendizagem e não de aquisição, esses nulos não podem ser explicados em termos de marcação de parâmetro, porque a essa altura o falante já fez a sua opção paramétrica. Trata-se agora de explicar o desempenho do falante diante do processo de ensino – aprendizagem.

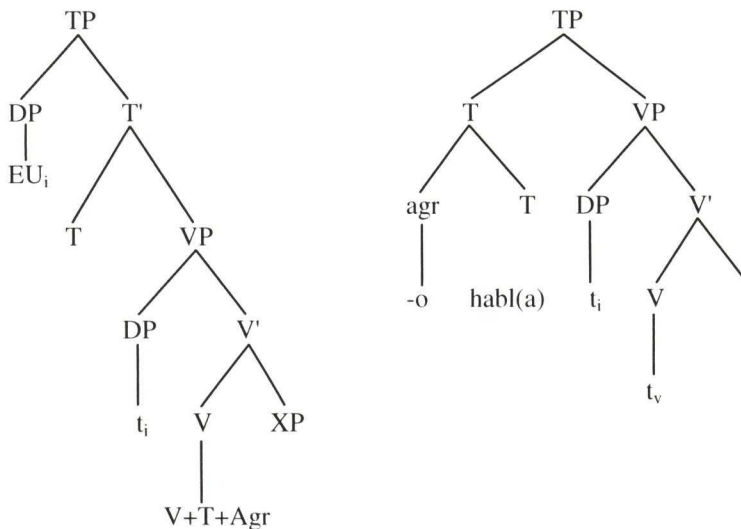
2.2- Aquisição e Mudança Lingüística

A Gramática na concepção chomskyana representa o conhecimento que o falante traz sobre sua língua nativa. Essa gramática (GI) está representada no cérebro e tem seu desenvolvimento determinado pela GU e pela experiência. Ou seja, o falante está equipado geneticamente para desenvolver uma língua, mas são os dados lingüísticos primários (DLPs) que vão determinar que tipo de gramática ele vai adquirir: se do PE, PB, Inglês etc. Portanto, experiências lingüísticas diferentes darão origem a diferentes gramáticas em diferentes indivíduos, resultando no que chamamos de variação lingüística: cada língua com suas particularidades.

Quando os DLPs a que o falante é exposto apresentam formas diferentes daquelas a que a geração anterior a ele foi exposta, essas inovações podem ter reflexo para o seu desenvolvimento gramatical e dar início à implementação de uma nova gramática (cf. LIGHTFOOT, 1991,1999). O falante, por causa da mudança gramatical, produz sentenças diferentes das outras de sua comunidade. Essas novas expressões afetam o ambiente lingüístico, tornando esse falante um agente da nova mudança, em virtude do fato de que aquele seu irmão mais jovem terá uma produção diferente como resultado daquela gerada com uma nova gramática e fará a sua escolha paramétrica com base nos DLPs que serão diferentes para a próxima geração. Está criada, então, uma reação em cadeia, que tem a criança como seu principal agente. A mudança acontece, então, porque a criança começa a avançar no uso de formas que diferem daquelas usadas pela geração anterior mudando o *input* de modo crítico. Ou seja, o *trigger* vai mudando gradualmente por um bom período de tempo, mas a gramática só muda quando acontece uma mudança catastrófica.¹⁰

Assumindo a proposta de Lightfoot (1991;1999) para mudança lingüística e considerando os resultados dos dados da criança que estou analisando, a minha hipótese é que o PB está perdendo a sua propriedade de língua pro-drop porque a criança começou a projetar a posição de sujeito em vez de obter checagem de traços gramaticais via morfologia (cf. KATO,1999a), implementando uma nova gramática para a língua:

¹⁰ “Catastrophes” are the bumpy discrepancies that we find from time to time between the input that a child is exposed and the output that the child’s mature grammar generates” (Apud. LIGHTFOOT,1999, p.89)



(Representações de Kato, 1999a, pp.19-20)

3. OS DADOS

3.1- A Pessoa Gramatical

Começemos por observar os resultados apresentados pelos dados de aquisição e das séries iniciais e finais com relação ao uso de sujeito pronominal de 1ª pessoa mostrados na tabela 2.1:

Tabela 2.1- Ocorrência sujeito pronominal pleno de 1ª pessoa

PESSOA	(1)-DADOS DE AQUISIÇÃO				(2)-DADOS DE ESCRITA								
	IDADE: 1;11 A 3;4 MESES		SÉRIES INICIAIS		SÉRIES FINAIS								
	N / T	(%)	P.R	N / T	(%)	P.R	N / T	(%)	P.R	N / T	(%)	P.R	
1ª sing.	469/ 623	75	.45	3ª	90 / 124	73	.54	7ª	42 / 122	34	.41		
				4ª	146 / 204	72	.51	8ª	19 / 42	45	.38		
1ª plur.	2 / 2	-	-	3ª	16 / 66	24	.08	7ª	4 / 15	27	.18		
				4ª	36 / 72	50	.31	8ª	0 / 3	0	-		
Total	471 / 626	75		288 / 466		62		65 / 182		35			

A primeira pessoa do plural só teve duas ocorrências como pronome *nós* em toda a amostra dos dados de aquisição e, como pronome pleno (1):

- (1) a. RA: Nunca *nós* vemos isso daqui. (2;6)
- b. RA: Nunca *nós* vamos daqui. (2;6)

Nos demais casos (15) RA usou a expressão *a gente*:

- (2) a. RA: Essa eu não sei onde *a gente* comprou. (3;0)
- b. RA: *A gente*₁ já conversou por que *a gente*₁ vai lá. (3;0)
- c. RA: e agora pra *gente* ir lá? (3;0)
- d. RA: Não vai dar pra *gente* matar. (3;3)

O mesmo não se verifica nos dados da escrita que apresentaram uma maior ocorrência de uso do pronome *nós*. Dos 156 casos ocorridos em toda a amostra, 64% tiveram o sujeito apagado (3 a, b, c). Foram verificados 21 ocorrências de uso da expressão *a gente* (20 nas 3^a e 4^a séries, das quais duas ocorreram como nulos co-referenciais (3d)). Houve só uma ocorrência na 7^a (3e) série e nenhuma na 8^a:

- (3) a. “No final da tarde, *cv* resolvemos ir embora”. (3^a. série)
- b. “*Cv*₁ assistimos um teatro e depois *cv*₁ dançamos.” (4^a série)
- c. “Onde *cv* devemos nos encontrar?” (7^a série)
- d. “...se *a gente*₁ tiver micose. Porque se *cv*₁ tiver *cv*₁ não entra.” (4^a série)
- e. “Sofrer é a pior coisa que *a gente* se encontra neste mundo de meu Deus.” (7^a série)

Esses resultados já revelam um contraste entre a escrita e os dados de aquisição. Enquanto esta privilegia o uso da forma *a gente*, aquela opta pelo uso do pronome *nós*, preferencialmente como nulo. Isso fica mais evidente ao compararmos os resultados do uso do pronome *nós* nos dados de aquisição e nos dados da 8^a série: 100% de presença para a aquisição (2 casos) contra 100% de ausência para a 8^a série (3 casos, cf.: 4 a, b, c).

- (4) a. “Tempos atrás a discriminação era menor, *cv* podemos dizer que ela existe, mas não aos olhos da população.” (8^a série)
- b. “Quando nos *cv* olhamos, gamei.” (idem)
- c. “*Cv* fomos a um show e não largou de mim.” (idem)

Os resultados quantitativos apresentados pela primeira pessoa do singular permitem fazer previsões interessantes sobre o uso de pronomes nulos vs plenos na aprendizagem da escrita. Observando a tabela 2.1, podemos verificar que os resultados de aquisição e das séries iniciais estão equilibrados. É a partir da 7^a série que ocorre uma queda no uso de sujeitos pronominais plenos. Isso permite afirmar que as séries iniciais ainda estão sob o efeito da aquisição, isto é, não foram afetadas pela escola. São as séries finais que começam a apresentar as modificações implantadas pela escolarização.

Na segunda pessoa, as diferenças entre a fala e a escrita no total geral foram também verificadas nas séries finais com uma queda de 15% de uso de sujeitos plenos:

Tabela 2.2- Ocorrência de sujeito pronominal pleno de 2ª pessoa

PESSOA	(1)-DADOS DE AQUISIÇÃO				(2)-DADOS DE ESCRITA							
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				Séries Iniciais			Séries Finais				
	N / T	(%)	P.R.		N / T	(%)	P.R.		N / T	(%)	P.R.	
2ª sing.	116 / 136	85	.58		3 ⁺ 17 / 23	74	.45		7 ⁻ 12 / 22	55	.70	
					4 ⁻ 10 / 10	100	-		8 ⁻ 10 / 10	100	-	
2ª plur.	1 / 1	-	-		3 ⁺ 4 / 5	80	.52		7 ⁻ 0 / 0	-	-	
					4 ⁻ 4 / 5	80	.47		8 ⁻ 0 / 0	-	-	
Total	117 / 137	85			35 / 43	80			22 / 32	70		

A diferença significativa dos dados de aquisição para a escrita ficou por conta da presença de pronomes fracos (16%) na aquisição contra a total ausência desse tipo de dado na escrita (5):

(5) a. RA: *Cê* vai nana. (2;0)

b. RA: *Cê* abriu a janela, *cê* não tinha corage e daí *cê* abriu e *ce* viu ela, *né?* (3;2)

Ressalte-se que a ocorrência de pronomes fracos de segunda pessoa indireta foi a maior de toda a amostra. Isso parece reforçar a hipótese de que a mudança no sistema pronominal do PB começa pela segunda pessoa, fato que já tinha sido observado por Duarte (1993). Mas essa evolução no uso de pronomes fracos na fala não conseguiu ainda atingir a modalidade escrita.

Com relação à terceira pessoa só houve redução no uso de pronomes plenos na terceira pessoa do plural (cf. tabela 2.3) e mais uma vez nas séries finais. Entretanto, vale ressaltar que nos dados de aquisição foi observado um aumento de 5% no preenchimento do sujeito em relação ao grupo 3 de Duarte (1995) tanto para terceira pessoa do singular como do plural:

Tabela 2.3- Ocorrência de sujeito pronominal pleno de 3ª pessoa

PESSOA	(1)-DADOS DE AQUISIÇÃO				(2)-DADOS DE ESCRITA							
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				Séries Iniciais			Séries Finais				
	N / T	(%)	P.R.		N / T	(%)	P.R.		N / T	(%)	P.R.	
3ª sing.	174 / 242	72	.59		3 ⁺ 204 / 245	83	.65		7 ⁻ 28 / 39	72	.82	
					4 ⁺ 104 / 145	72	.53		8 ⁻ 84 / 128	66	.59	
3ª plur.	11 / 13	85	.59		3 ⁺ 23 / 32	72	.48		7 ⁻ 1 / 4	25	.06	
					4 ⁻ 42 / 53	79	.64		8 ⁻ 21 / 50	42	.36	
Total	185 / 255	73			373 / 475	78			134 / 221	60		

Comparando os resultados da terceira pessoa com os encontrados para as outras pessoas com relação ao uso de sujeitos pronominais nulos vs. plenos, não foi verificada uma diferença significativa que possa colocar a terceira pessoa em destaque na produção de nulos como constatado por Duarte (1995), mesmo na escrita. Ao que tudo indica a terceira pessoa está começando a se comportar exatamente como as outras pessoas. Ou seja, contar com um referente externo para reforçar os traços enfraquecidos de agr parece não ser mais suficiente para licenciar o sujeito nulo de terceira pessoa (6):

- (6) a. RA: *O passarinho*₁ subiu na bola e *ele*₁ vai cair daí. (2;3)
- b. Ra: *Ele*₁ vai alova, *ele*₁ vai fazer xixi, *ele*₁ tem pipi. (2;0)
- c. “*Minha mãe*₁ disse que *ela*₁ não viu nada.” (4ª série)
- d. “Então *cv* façam como essas *crianças*₁ que conseguiram o que *elas*₁ quiseram.” (4ª série)
- e. “Em um certo dia, *cv*₂ marquei um encontro com *um garoto*₁ que eu₂ amo muito e acho que *ele*₁ também me ama.” (8ª série)

Podemos, então, adotar com Galves (1987, 1988) e Kato (1999a) a hipótese de que é o próprio pronomes que passa a desempenhar a função de concordância tendendo sempre a aparecer mesmo quando um SN lexical antecedente está presente.

Comparando os resultados dos dados de escrita e de aquisição mostrados até aqui com os resultados encontrados por Duarte (1995), descobri que os dados de escrita se aproximam dos resultados do grupo 1¹¹, sendo que com relação à primeira pessoa do plural a escrita apresenta um índice superior de 30% de nulos. Os resultados encontrados para a aquisição se agrupam àqueles encontrados para o grupo 3. Ou seja, os resultados de escrita se assemelham ao do grupo em que o paradigma flexional era suficientemente rico para permitir o apagamento do sujeito. Já os dados de aquisição se assemelham justamente àquele grupo em que a mudança já tinha ocorrido e, portanto, já não fazia mais a identificação do sujeito via morfologia verbal.

3.2- A Forma Verbal e os Tipos de Orações

O tempo que mais resiste ao uso de pronomes plenos tanto nos dados de escrita quanto nos dados de fala é o pretérito perfeito, apresentando um total de nulos na escrita de 37% e na fala de 28%. Mesmo assim, quando se compara os dados de

¹¹ O grupo 1 de Duarte (1995) é o grupo mais velho, em que são encontrados os maiores índices de sujeitos nulos da amostra. Por exemplo, a 3ª. pessoa do singular apresenta 50% de sujeitos nulos. O grupo 3 é o mais jovem, em que, segundo Duarte, a mudança já está se implementando. Nesse grupo, o uso de nulos de 3ª. pessoa do singular cai para 33% (cf. seção 1.2.1).

aquisição aos de Duarte (1995), a criança já mostra um avanço no uso de pleno com um percentual de 11% a mais para o pretérito perfeito (com 72% de preenchimento), 22% para o presente (76%) e 32% para o pretérito imperfeito (95%)¹².

É o infinitivo pessoal que ainda apresenta um alto índice de pronomes nulos: (53%) para a aquisição e (63%) para a escrita.

Verifiquemos agora a ocorrência de pronomes plenos vs. nulos quanto ao tipo de oração que parece revelar algumas novidades para o PB:

Tabela 2.4- Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o tipo de oração

ORAÇÕES NÃO ENCAIXADAS	(1) DADOS DE AQUISIÇÃO				(2) DADOS DE ESCRITA								
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				Séries Iniciais				Séries Finais				
	N / T	(%)	P.R		N / T	(%)	P.R		N / T	(%)	P.R		
1 ^{as} Coordenadas	34 / 36	94	.81	3 ⁻	56 / 68	82	.65	7 ⁻	18 / 25	72	.79		
				4 ⁻	67 / 85	79	.59	8 ⁻	18 / 30	60	.50		
2 ^{as} Coordenadas	41 / 42	98	.90	3 ⁻	35 / 59	59	.31	7 ⁻	3 / 24	13	.11		
				4 ⁻	34 / 58	59	.35	8 ⁻	10 / 31	32	.26		
3 ^a Coordenadas	- / -	-	-	3 ⁻	66 / 78	85	.64	7 ⁻	6 / 10	60	.71		
				4 ⁻	30 / 43	70	.47	8 ⁻	9 / 15	60	.42		
Independentes	582 / 791	74	.44	3 ⁻	80 / 98	82	.59	7 ⁻	16 / 22	73	.77		
				4 ⁻	57 / 64	89	.73	8 ⁻	28 / 31	90	.87		
Núcleos	66 / 90	73	.32	3 ⁻	55 / 89	62	.22	7 ⁻	17 / 54	31	.35		
				4 ⁻	79 / 107	74	.53	8 ⁻	32 / 52	62	.51		
Total	723 / 959	75		559 / 749				75	157 / 294				54

Os resultados mostrados na tabela 2.4 revelam que há uma redução considerável no uso de sujeitos pronominais plenos na escrita.

É importante ressaltar que o uso de sujeitos pronominais plenos verificados nas segundas coordenadas¹³ mesmo na escrita, onde se observa uma redução, é surpreendente porque mesmo em línguas não-pro-drop o apagamento do sujeito é permitido nessas estruturas quando os sujeitos são co-referentes (caso do Francês, (Galves), em comunicação pessoal). Isso demonstra, como já afirmara Duarte (1995) ao encontrar 68% de pronomes plenos nesses contextos, que o PB está perdendo ou já perdeu a permeabilidade à anaforicidade, tornando mais que opcional um procedimento obrigatório em LSNs.

Vejamos alguns exemplos de ocorrência de sujeitos pronominais plenos e nulos nos dados de aquisição e nos dados de escrita:

¹² Os resultados de plenos nos dados de Duarte (1995) são: 61% para o pretérito perfeito, 54% para o presente e 63% para o pretérito imperfeito.

¹³ Nos dados de aquisição, os resultados das segundas e terceiras coordenadas são apresentados juntos na tabela, devido à pouca ocorrência de terceiras coordenadas (9 para toda a amostra).

- (7) a. RA: *Ele₁* vai alova, *ele₁* vai fazer xixi, *ele₁* tem pipi. (2;0)
 b. RA: Porque *ela₁* é pequeninha, *ela₁* faz xixi na cama. (2;7)
 c. RA: *A gente₁* já conversou porque *a gente₁* vai lá. (3;0)
 d. RA: ... porque *eu₁* vou po metinha nele e *cv₁* viazei muito. (3;0)
 e. RA: *Cê₁* abriu a janela, *cê₁* não tinha corage. (3;3)
 f. RA: *Eu₁* também vou pintar porque *eu₁* sou tua amiguinha, né? (3;4)
 g. “*O meu animal de estimação₁* é um cachorrinho *ele₁* tem 4 anos de idade *ele₁* é raça fila misturada com capa preta *ele₁* é bonito.” (3ª série)
 h. “...o mar morto fica em Israel, *nós₁* compramos algumas peças da antiga cidade, *nós₁* demos um paeço por Israel depois que *nós₁* fomos a Israel *nós₁* ficamos muito chocados...” (4ª série)

A única ocorrência de sujeito pronominal nulo em coordenadas não-iniciais com sujeito co-referente encontrada nos dados de aquisição é a que está em (7d), todas as outras tiveram seus sujeitos preenchidos como em (7a, b, c, e, f). Nos dados de escrita também foram encontrados casos de preenchimento de sujeito em coordenadas não-iniciais (7g, h), principalmente nas séries iniciais. É na 7ª e 8ª séries que o uso de sujeito pronominal nulo passa a ser a opção “escolhida” (8a, b, c):

- (8) a. “*Eu₁* estou de castigo, porque *cv₁* briguei com minha irmã e *cv₁* não vou poder jogar futebol hoje.” (7ª série)
 b. “... Mais a parte mais gostosa dessa história é a parte em que *eu₁* deito na minha cama, *cv₁* pego o meu ursinho e *cv₁* durmo.” (8ª série)
 c. “*Ele₁* ficou muito chateado e *cv₁* pediu um último beijo.” (8ª série)

Os resultados das segundas coordenadas na 8ª série quando comparados aos dados de aquisição revelam uma redução de 66% no uso de plenos para os dados da escrita. A redução também pode ser observada com relação aos dados das séries iniciais e das séries finais (cf. tabela 2.4).

Observando os resultados apresentados pelas orações independentes, vemos que mesmo na escrita o uso de pronome pleno é a opção preferida. Isso mostra que o avanço em relação ao uso de sujeitos pronominais plenos nesses contextos é tão grande que mesmo a escrita com toda sua tecnologia não consegue barrá-lo. Os poucos casos de pronomes nulos encontrados na aquisição se encontram em contextos como em (9):

- (9) a. RA: *Cv* soltou? (1;11)
 b. RA: Caiu. (1;11)

Esses contextos incluem os nulos de referência exofórica¹⁴. Vale ressaltar que na sua grande maioria o tempo do verbo é o pretérito perfeito.¹⁵

Passemos agora aos resultados apresentados pelas orações encaixadas e hipotáticas.

Nos dados de aquisição, dos 43 casos de orações encaixadas com sujeitos pronominais plenos, 15 são de orações relativas e 28 de completivas (cf. tabela 2.4.1):

Tabela 2.4.1- Ocorrência de sujeito pronominal pleno em encaixadas e hipotáticas

TIPOS DE ORAÇÕES	(1) DADOS DE AQUISIÇÃO				(2) DADOS DE ESCRITA							
	Idade: 1;11 a 3;4 meses				Séries Iniciais				Séries Finais			
	N / T	(%)	P.R.		N / T	(%)	P.R.		N / T	(%)	P.R.	
Relativas	15 / 15	100	-	3 ⁻	5 / 7	71	.62	7 ⁻	6 / 9	67	.76	
				4 ⁻	11 / 13	85	.61	8 ⁻	7 / 10	70	.60	
Completivas	28 / 29	97	.89	3 ⁻	28 / 30	93	.88	7 ⁻	9 / 18	50	.38	
				4 ⁻	27 / 44	61	.33	8 ⁻	20 / 31	65	.55	
Hipotáticas antepostas	4 / 5	80	.79	3 ⁻	19 / 32	59	.33	7 ⁻	8 / 23	35	.55	
				4 ⁻	25 / 37	68	.46	8 ⁻	6 / 12	50	.39	
Hipotáticas pospostas	18 / 26	69	.69	3 ⁻	10 / 29	34	.14	7 ⁻	5 / 16	31	.47	
				4 ⁻	22 / 47	47	.39	8 ⁻	4 / 19	21	.16	
Total	66 / 76	86			147 / 239	62			65 / 138	48		

Houve só uma ocorrência de sujeito pronominal nulo nos dados de aquisição em encaixadas e se deu numa completiva (10a):

(10) a. RA: Cv_1 faz de conta que cv_1 morreu. (3;2)

A alta produção de sujeitos nulos nas hipotáticas pospostas pode ser explicada pelo uso do infinitivo pessoal nessas estruturas, uma vez que essa forma verbal parece resistir ao preenchimento do sujeito:

(11) a. RA: Eu_1 vou pegar a Suzi para cv_1 pentear o cabelo dela. (2;0)

b. RA: Eu_1 vou sentar aqui para cv_1 descansar. (2;2)

¹⁴ Segundo Simões (1999) esse uso é o resultado do discurso chamado de “discurso do aqui/agora.”

¹⁵ Segundo Kato (1995), essas ocorrências podem ser explicadas se considerarmos que o módulo tempo da criança, no início da aquisição, conta apenas com o Tempo do ato de Fala (Speech Act Time (ST)), sem contar ainda com o tempo de evento, e o seu tempo de referência coincide sempre com o ST, que preenche o Spec de TP. O núcleo aspectual da criança é licenciado por um T “default” (presente ou passado) que concorda com um Spec preenchido pelo ST. Como essa fase se caracteriza por ser preponderantemente não-finita, o passado ocorre na forma de terceira pessoa não-marcada.

Comparando os resultados de aquisição com os da escrita, podemos perceber que a escrita apresenta um índice bem menor de sujeitos preenchidos para todas as orações.

O resultado que chama a atenção é o alto índice de preenchimento do sujeito nas orações relativas, pois isso revela que o preenchimento está deixando de ser uma estratégia a escapar de ilhas, fato que já tinha sido observado por Figueiredo e Silva (1996) e mais recentemente por Modesto (1999).¹⁶

- (12) a. RA: Eu_1 quero por este naquele negocinho *que* eu_1 fui brincar. (2,6)
b. RA: Eu_1 não sei onde *que* eu_1 vi. (2;5)
c. “Quase cv_1 fiquei louca de tantas palavras *que* eu_1 não sabia.” (4ª série)
d. “*Essa menina*₁ não era feliz porque *ela*₁ era rica e todas meninas *que* *ela*₁ fazia amizade eram pobres.” (4ª. série)

De acordo com Duarte (1995) o sujeito pleno deve ter começado sua batalha contra o sujeito nulo justamente nas estruturas em que há elemento em Spec de CP, caso das relativas. Duarte acrescenta ainda que a rejeição ao sujeito nulo nesses contextos é confirmada quando encontramos estruturas onde o sujeito é nulo na matriz e pleno na encaixada, como em 12c.

Em relação aos dados dos falantes de Duarte, os dados de RA só apresentam uma diferença significativa nas orações completivas com 23% a mais de preenchimento do sujeito. Passemos agora aos resultados do condicionamento semântico.

3.3- O Traço Semântico do Referente de Terceira Pessoa

Segundo Omena, 1978; Braga, 1986 e Mollica, 1986, há uma tendência maior em se utilizar pronomes pessoais na referência a seres animados, mais especificamente humanos. Quando o traço do referente é –animado, a tendência é utilizar uma *cv*. Duarte (1995) constata em seus dados que é o traço –animado do referente que mais propicia o uso de sujeito nulo.

¹⁶ Cf. também Ferreira, 2000.

Tabela 2.5- Ocorrência de sujeito pronominal pleno segundo o traço semântico do referente de 3ª pessoa¹⁷

TRAÇO DO REFERENTE DE 3ª PESSOA	1-DADOS DE AQUISIÇÃO	2-DADOS DE ESCRITA
	Idade: 1;11 a 3;4 meses	Séries: 3ª, 4ª, 7ª, 8ª.
	N / T (%)	N / T (%)
+ hum + ani.	71 / 81 88	407 / 549 74
- hum + ani.	68 / 86 79	82 / 103 80
- hum - ani.	46 / 88 52	18 / 43 42
Total	185 / 255 73	507 / 695 73

Os resultados mostrados na tabela 2.5 vêm comprovar o que as análises citadas já haviam confirmado. O traço –animado do referente continua sendo o contexto que mais resiste ao uso do pronome pleno, mas mesmo assim é possível encontrar pronomes plenos em tais contextos, numa clara demonstração de que aqui também o pronome nulo começa a perder seu espaço (13 a, b, c, d):

- (13) a. RA: Eu vou desmanchar *ele*₁ (=brinquedo). *Ele*₁ não vai quebrar. (2;6)
 b. “*Esta água*₁ serve para tomar banho, lavar roupa, lavar casa, *ela*₁ serve pra tudo menos pra beber.” (4ª série)
 c. “Maria você não pode enfeitar a casa com *plantas*₁(...) Se você fica botando *elas*₁ dentro de casa *elas*₁ vão morrer porque *elas*₁ não estão recebendo luz solar.” (4ª série)
 d. “Tempos atrás a *discriminação*₁ era menor, podemos dizer que *ela*₁ existe mais não aos olhos da população.” (8ª série)

Como podemos ver nos exemplos acima os casos de sujeitos pronominais plenos com referentes -animados não se restringem só à fala. Há ocorrências também nos dados de escrita mesmo nas séries finais.

- **Valores de *Input* e Significância**

A seguir são apresentados a significância e o *input* atribuídos aos fatores selecionados nos dados de aquisição e de cada série:

¹⁷ Essa tabela não apresenta peso relativo porque os resultados foram obtidos através do *crostab*.

Dados de aquisição (1;11 a 3;4 meses)	<i>Input</i> .81 Significância: .028
3 ^a série	<i>Input</i> .83 Significância: .020
4 ^a série	<i>Input</i> .72 Significância: .048
7 ^a série	<i>Input</i> .41 Significância: .007
8 ^a série	<i>Input</i> .60 Significância: .010

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados pelos dados da aquisição e da escrita com relação ao uso do sujeito pronominal nulo vs. pleno revelam que há uma participação da escola no uso que se faz do nulo na escrita.

Os dados de aquisição revelam ainda que a mudança no sistema pronominal parece começar realmente pela segunda pessoa como afirmara Duarte (1995), pois foi justamente esta que apresentou o maior índice de pronomes fracos da amostra.

Com relação à terceira pessoa o que os resultados parecem mostrar é que ela está indo pelo mesmo caminho das outras pessoas com relação ao preenchimento do sujeito.

Comparando os resultados de aquisição e de escrita com os de Duarte (1995), foi possível perceber que os resultados apresentados pelos dados de aquisição se aproximam daqueles apresentados pelo grupo mais jovem, enquanto os resultados da escrita se aproximam daqueles do grupo mais velho. Ou seja, os resultados de aquisição revelam as características de um sistema não-pro-drop e a escrita de um sistema ainda pro-drop.

Com base nos resultados obtidos até aqui com os resultados de escrita e de fala, é possível dizer que a criança entra na escola com um sistema não-pro-drop, continua por um bom período utilizando este sistema na escrita e aos poucos vai adequando tal sistema às normas prescritas pela tecnologia da escrita. O esforço do ensino em reprimir as inovações apresentadas pela fala só começa a obter resultado lá pelo final do primeiro grau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Maria Luíza (1992). Os condicionamentos discursivos. In: MOLLICA, M.C. (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista*. 3^a ed. UFRJ.

CHOMSKY (1981). *Lectures on government and binding: the Pisa lectures*. Dordrecht, Foris.

- DUARTE, M.L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M.A. (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*, pp.107-28. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (1995). *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português brasileiro*. Tese de Doutorado, Unicamp.
- FERREIRA, Marcelo Barra. (2000). *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Unicamp.
- FIGUEIREDO E SILVA, Maria Cristina. (1996). *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas, Ed. Unicamp.
- GALVES, Ch (1987). A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de lingüística*, 13, pp.31-50, Belo Horizonte.
- _____. (1988). Algumas diferenças entre Português de Portugal e Português do Brasil e a teoria de "Regência e Vinculação". In: *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa.
- KATO, M.A. (1995). Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29, pp.119-36 (julho/dezembro), Campinas.
- _____. (1999a). Strong and weak pronominal In: the null subject parameter. *Probus*, 11, pp.1-37.
- _____. (1999b). Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: MORAES, J. & GRIMM-CABRAL (orgs). *Investigações à linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. pp.201-25. Florianópolis: Editora Mulher.
- LIGHTFOOT, David. (1991). *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, Mass. MIT Press.
- _____. (1999). *The development of language: acquisition, change, and evolution*. Blackwell.
- MAGALHÃES, Telma M.V. (1999). Do pronome pleno ao pronome nulo. ms.
- MOLLICA, M. Cecília (org.). (1992). *Introdução à sociolingüística variacionista*. *Cadernos didáticos*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- OMENA, Nelize P. de. (1978). *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ.
- PAREDES SILVA, Vera L. (1988). *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado, UFRJ.
- SIMÕES, L. (1999). Sujeito nulo na aquisição do Português do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 36, pp.105-30, (janeiro/junho), Campinas.